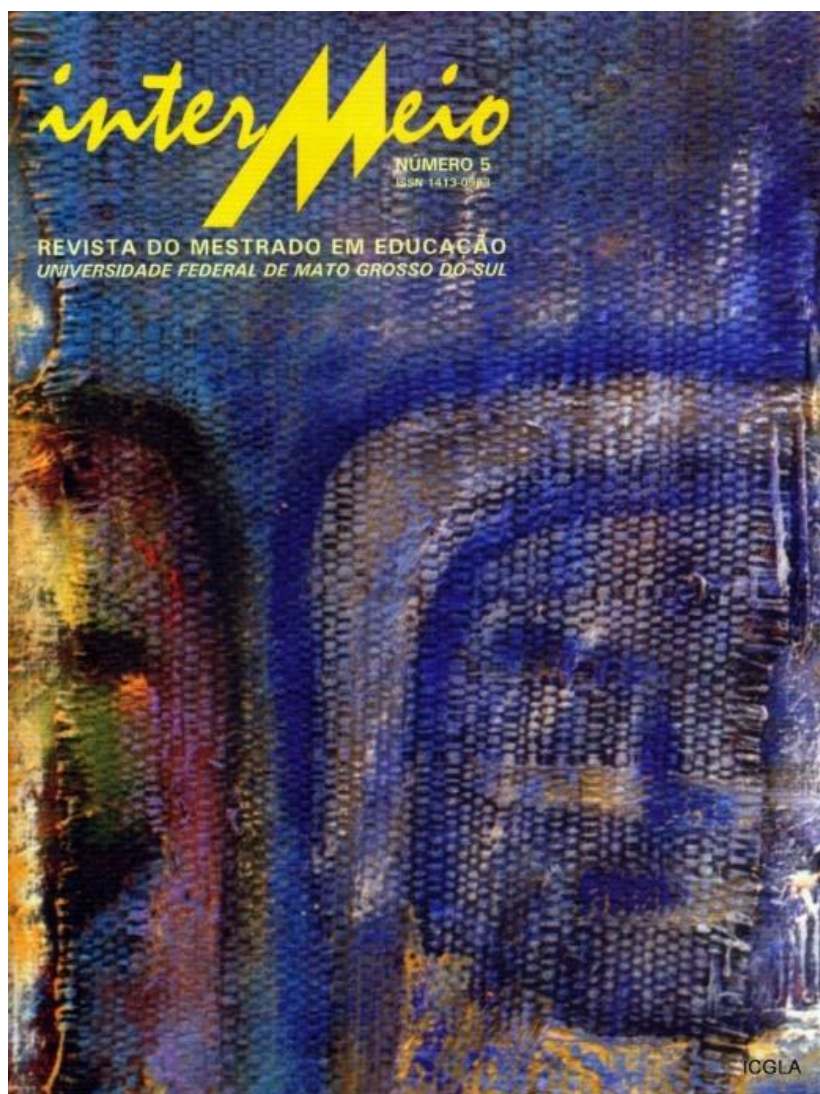


A Procura da Verdade por Meio da Luz Natural



Descartes

Encarte Especial (p. 1-20), publicado in **Intermeio**. Revista do Mestrado Educação, Campo Grande, MS, v. 3, n. 5, 1997. Tradução e Apresentação de Pedro de Alcântara Figueira¹.



Capa da Revista



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar. Doutor em Educação, historiador, filósofo e pesquisador do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Foi um dos participantes na produção de compêndios da *História Nova* [década 1960].

DESCARTES

A Procura da VERDADE por Meio da LUZ Natural

Apresentação de
Pedro de Alcântara Figueira*

Comemorou-se recentemente o quarto centenário do nascimento de Descartes, o grande filósofo francês. Nada mais justo do que lhe prestar uma homenagem, embora modesta, publicando este seu escrito inacabado e que ele deixou inédito.

Trata-se de um diálogo entre três personagens, sendo que Eudócio seria o próprio Descartes, Poliandro, o senso comum, aquele que não sabe nada do que ensina a sabedoria antiga e medieval e que rapidamente aprende aquilo que lhe ensina Eudócio, não só porque ele não está tomado pelos preconceitos contidos na filosofia, como porque, como homem comum que é, é ele, de fato, que possui a sabedoria necessária às ações que se impõem no mundo prático. Epistemon, o terceiro personagem, é o representante da filosofia, aquela que é preciso evitar, ou melhor, destruir, para que alguém possa se situar no mundo, livre dos preconceitos, e descobrir a verdade que seja útil a todos. Representante da Escolástica, que é sinônima, para

Descartes, de inutilidade, Epistemon é tratado no diálogo como alguém que só diz coisas disparatadas, que para nada servem. Aliás, este é um traço comum a quase todos os diálogos desta época. Giordano Bruno e Galileu põem na boca de seus opositores coisas tão insensatas, que ninguém é capaz de lhes dar qualquer credibilidade. Foi observando este elemento constante nos diálogos da época que Brecht nos revela toda a astúcia neles contida ao se fazer do representante da filosofia um completo inepto. No diálogo entre o Papa e o Inquisidor, em *Galileu Galilei*, diz aquele:

“Autorizei-lhe o livro desde que no fim exprimisse a opinião de que a última palavra não pertence à ciência, mas sim à fé. E foi o que ele fez”.

Ao que responde o Inquisidor:

“Sim, mas de que maneira? No livro entram em discussão um idiota, que evidentemente segue as opiniões de Aristóteles, e um homem inteligente, que evidentemente segue as opiniões do senhor Galileu”.

* Ex-professor visitante da UFMS.

Vale notar que com o nome de princípios aristotélicos se defendia, na época, todo tipo de disparates e insanidades. Era delas que se nutria a Escolástica. A Escolástica era identificada com aquela filosofia que envolvia em palavras e frases as mais rebuscadas e incompreensíveis coisas cuja utilidade, ou melhor, inutilidade, passa a ser exatamente discutida então. Era mais do que justificada esta caracterização daquilo que, então, se ensinava na Escola.

Por que é que todo um respeitável corpo teórico, alicerçado nos pais da Igreja, em Santo Agostinho e Tomás de Aquino, e se dizendo seguidor incondicional de Aristóteles, a quem rendia respeitáveis homenagens, tinha chegado a este completo estado de exaustão, e se convertido numa quase loucura coletiva? Bacon notava, com muita perspicácia, que estes representantes e defensores da concepção aristotélica, quase vinte séculos depois de Aristóteles, não tinham sido capazes de acrescentar nada de significativo ao que o Mestre tinha dito. Observava que, muito pelo contrário, eles sabiam muito menos do que o próprio Aristóteles. Sem pretender nos alongar muito numa resposta que necessitaria de uma demorada discussão, responderíamos a esta pergunta com uma caracterização rápida do que estava na base dos despautérios da Escolástica. Ruía, então, o mundo que dera existência e sustentação aos ensinamentos da Igreja. Costumo dizer que se alguém pretendesse escrever, durante a Idade Média, um tratado sobre o plantio e a colheita de trigo, ele acabaria exaltando a sabedoria, o poder e a magnanimidade de Deus. Em lugar de um tratado que deveria versar sobre a agricultura, por certo que se escreveria um tratado teológico. Quando começam a ruir as estruturas das instituições feudais, a ordem social que punha Deus como sujeito, fim e começo de todas as ações perde a sua coerência. Vai deixando de existir a antiga correspondência entre as ações humanas e aquilo que a Igreja ensinava. O mundo, agora, começava a falar de coisas que não só contrariavam toda a ordem feudal como de coisas novas que não se encontravam previstas nas Sagradas Escrituras. Enquanto, segundo a ordem feudal, um tratado de Física deveria se confundir com um elogio à grandeza do Criador, agora, segundo

Galileu, a linguagem do mundo era a Matemática. Ao contrário do que dizia a Igreja, isto é, que toda a sabedoria se encontrava escrita nas Sagradas Escrituras, Galileu afirma, categoricamente, que “A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto”. (*O Ensaaiador*, p. 119 da edição de Os Pensadores). Propor, como Galileu e Descartes propõem, que se leia no livro do mundo, significa não ler mais “todos os livros” que a Escolástica exigia que se lesse. Descartes propõe, mesmo, que se leia muito pouco. “Ler pouco” tem um significado que só pode ser compreendido no conjunto de questões que estavam postas na luta contra as instituições feudais, pois ler significava submeter-se a estas mesmas instituições. Pode parecer que Descartes propugnava, então, a favor da ignorância. De certo modo, sim, pois que ele lutava para que se ignorasse totalmente o que a Escolástica exaltava como verdade e como a verdadeira sabedoria.

Tudo isto significava um grito de revolta contra um mundo em frangalhos, mas que ainda conservava forças suficientes para atemorizar os novos tempos. Quando Galileu, na passagem acima citada, fala do entendimento humano das palavras, ele quer dizer que as palavras da Escolástica já não podem ser compreendidas pelos humanos. De ponta a ponta de toda a Europa levantam-se vozes contra a imposição de se continuar pensando segundo os cânones estabelecidos pela Igreja de Roma. É neste contexto histórico de oposição às instituições feudais que se formam muitos pensadores, e Descartes é um dos mais significativos entre todos eles. Descartes, na França, Bacon, na Inglaterra, e Galileu, na Itália, trabalham incessantemente para subverter, teoricamente, a antiga ordem feudal. É, aliás, esta subversão o elemento que ordena as suas idéias, ou seja, é ela que constitui, em última instância, a explicação de suas con-

cepções. É na oposição, e somente nela, aos princípios teóricos escolásticos que se pode entender em todo o seu alcance o pensamento de Descartes. Fora desta oposição ele vira presa fácil dos escolásticos de nossa época, que procuram fazer-nos entender o sistema de Descartes precisamente por aquilo que ele mais condenava, ou seja, tornando-o resultado de uma espécie de *incontível desejo de pensar e escrever sobre temas filosóficos*. A estes seus intérpretes, Descartes costumava dizer que ele não era um *faiseur de livres*. Neste sentido, o **Discurso do Método** mostra que o que ele

tem a dizer ao mundo (o seu *método*, portanto) é uma proposta de tomada de posição, ou uma decisão de abandonar, repudiar e contribuir para a destruição do *antigo edifício*, isto é, subverter não só o antigo modo de pensar como todo o edifício que lhe dava sustentação. É exatamente na boca do representante da Escolástica que Descartes porá o significado mais preciso do que é o seu método: "... como

estou também irritado ao ver que procurais ensinar a Poliandro o que ele é por meio de outro método que não aquele que desde há muito tempo é aceito em todas as escolas". Epistemon afirma duas coisas preciosíssimas: a primeira, que o método de Descartes é algo novo; a segunda, que o método tem a função de ensinar um modo de viver diferente daquele consagrado pela Escola. Ou seja, Descartes não está brincando de filósofo, mas está enfrentando forças que vigiam toda a Europa,

perseguido implacavelmente todos aqueles que discordam da sua filosofia.

Descartes lança, para tanto, a palavra de ordem de começar pela dúvida. Duvidar de tudo o que significou a antiga sociedade e de tudo o que ela produziu, desde as idéias que povoaram durante séculos as cabeças dos homens até os instrumentos com os quais os indivíduos produziam a sua vida. E é duvidando da própria existência do mundo criado por esta sociedade, assim como da própria existência neste mundo, que Descartes afirma uma existência em tudo diferente daquela.

Duvidando da existência anterior, Descartes torna mais real a existência atual. É por este processo que ele, personificado no diálogo por Eudócio, faz com que o homem comum que é Poliandro resolva abandonar o que ainda restava de sua antiga identidade e repudie a filosofia de Epistemon.

A imagem que de certa maneira fica do diálogo é que tudo isto pode parecer um puro jogo de palavras. Pense, no entanto, o leitor no que



significava duvidar num momento em que se encontrava em plena vigência a crença inabalável de que tudo já estava escrito e que o saber era um dom divino dado aos homens. A dúvida significava uma rebeldia completa contra tudo aquilo em que se acreditava. Por isto é que só pela dúvida é que se chega à existência: *duvido, logo existo*. Assim se afirma uma existência em tudo diferente da do homem feudal. Senão, é o que Descartes procura demonstrar com este diálogo, como,

aliás, com toda a sua obra, não é possível sair do terreno pantanoso em que se moviam as figuras que se mantinham fiéis à antiga ordem. Se não definirmos com clareza qual é o objeto da dúvida cartesiana - e Descartes não deixa qualquer dúvida a este respeito - somos capazes até de nos livrarmos da Escolástica feudal, mas muito dificilmente nos livraremos de mergulhar em outra escolástica. É precisamente o que acontece hoje em dia com a maioria quase absoluta daqueles que procuram explicar o cartesianismo dentro do terreno da filosofia. Muito raramente não o convertem no oposto daquilo que ele realmente foi, ou seja, tratam escolasticamente aquilo que foi pura e simplesmente uma tomada de posição contra um mundo em decadência. Descartes não pretendeu, com seus escritos, senão erguer a sua voz e declarar ao mundo a sua adesão à luta pelo nascimento de um novo mundo.

É uma questão fundamental do cartesianismo a procura de uma "filosofia útil". Descartes declara, alto e bom som, que a "filosofia dos antigos" - com esta terminologia procurava-se atingir principalmente os escolásticos - é totalmente inútil. Parece-me que nesta oposição encontra-se a chave do entendimento mesmo do que foi o cartesianismo e a forma que tomaram os escritos de Descartes. Veja-se,

por exemplo, o que ele objetivava com as respostas às objeções que lhe foram feitas às suas *Meditações*. Ao classificar como inútil tudo o que se pensava até então e ao propor, por isso, a derrubada do antigo edifício, Descartes quer criar uma concepção condizente com as novas necessidades, necessidades estas a todo momento contrariadas e repudiadas pelas velhas concepções. Pelas velhas concepções as caravelas apodreceriam nos portos de Portugal e Espanha e jamais se aventurariam pelo Oceano. Dar consistência científica aos brados épicos de Camões era uma tarefa urgente. Nela se empenham Galileu, Bacon, Descartes e muitos outros.

Uma última consideração a respeito do cartesianismo. Àqueles que se habituaram a tomar o "pensamento" como o sujeito da filosofia, advertimos que o cartesianismo não se presta a qualquer interpretação que anule o seu papel histórico acima apontado. O sujeito da filosofia de Descartes é o *honnête homme*, o homem comum, aquele que possui a razão que se encontra em todos, isto é, o senso comum. As suas qualidades são aquelas que o mundo que está nascendo determina, pois ele "deve empregar seu lazer somente em coisas honestas e úteis, e ocupar sua memória apenas com as mais necessárias". Eis, no confronto com a feudalidade, o retrato do novo homem.

interMeio

DESCARTES

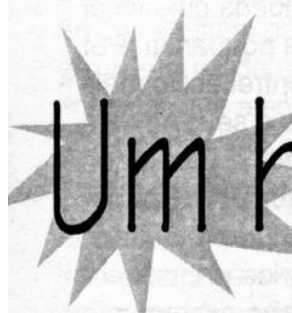
A Procura da
VERDADE
por Meio da
LUZ
Natural

A qual, sozinha,
e sem ajuda nem da religião
nem da filosofia, determina as
opiniões que um homem
deve ter no que toca àquelas
coisas que podem ocupar
seu pensamento,
e penetra fundo os segredos
das mais
curiosas ciências.

Tradução de
Pedro de Alcântara Figueira*

*Pedro de Alcantara Figueira foi professor visitante da UFMS.

Este texto foi traduzido a partir das *Oeuvres Philosophiques* de Descartes, 2º vol., p. 1105 a 1141, Classiques Garnier, organizada por F. Alquié.



Um homem

de bem não está obrigado a ter visto todos os livros nem a ter aprendido cuidadosamente tudo o que é ensinado nas escolas. Seria, mesmo, uma espécie de defeito da sua educação dedicar demasiado tempo ao exercício das letras. Ele tem muitas outras coisas a fazer durante sua vida, cujo curso deve ser medido do melhor modo possível a fim de que lhe sobre a melhor parte para praticar as boas ações que lhe deveriam ser ensinadas por sua própria razão, se é que ele pode aprender algo que não seja somente com ela. Mas, ele entrou no mundo ignorante e, como o conhecimento dos seus primeiros anos estava apoiado apenas na fraqueza dos seus sentidos e na autoridade dos seus preceptores, é quase impossível que sua imaginação não se encontre repleta de uma infinidade de falsos pensamentos até que sua razão possa vir lhe dar direção: de tal modo que ele virá a ter necessidade, em seguida, de uma imensa inclinação natural ou, então, dos ensinamentos de algum sábio, tanto para se desvencilhar das más doutrinas que o preocupam quanto para lançar as bases iniciais de uma ciência sólida e descobrir todas as vias por onde possa elevar seu conhecimento até ao mais alto grau que possa atingir.

São estas as coisas que me dispus ensinar nesta obra, pondo em evidência os verdadeiros tesouros das nossas almas, revelando a cada um os meios de encontrar em si mesmo, sem nada tomar de empréstimo a outrem, toda a ciência que se faz necessária à direção da sua vida e de adquirir, em seguida, com seu estudo, curiosíssimos conhecimentos que a razão dos homens é capaz de possuir.

Mas, temendo que a grandeza de meu propósito não venha intempestivamente povoar de espanto vossos espíritos, que eu não seja merecedor de confiança, quero advertir-vos que meu empreendimento não é tão penoso quanto se possa imaginar: pois os conhecimentos que não excedem o alcance do espírito humano estão todos tão maravilhosamente encadeados e podem ser deduzidos uns dos outros de um modo tão necessário que não é preciso ter nem muita habilidade nem capacidade para os encontrar, contanto que, começando pelos mais simples, saibamos nos conduzir gradativamente até aos mais elevados. É isto que procurarei fazer-vos ver aqui por meio de uma série de razões tão claras e tão comuns, que cada um poderá ver que apenas por não se ter antes dirigido a atenção para o que devia e detido o pensamento nas mesmas considerações que eu fiz é que não observava as mesmas coisas. Não mereço também nenhuma glória por tê-las encontrado, assim como não a merece um transeunte que tenha encontrado, por acaso, um rico tesouro, diligente e inutilmente procurado há muito tempo atrás.

Causa-me verdadeiro espanto ver que entre tantas raras inteligências, que, melhor do que eu, poderiam ter-se desempenhado desta tarefa, não tenha aparecido ninguém que quisesse dar-se ao trabalho de esclarecê-la, e que quase todos tenham imitado aqueles viajantes

que, tendo abandonado o caminho para tomar o atalho, ficam perdidos entre os espinhos e o precipício.

Mas não quero examinar o que os outros souberam ou ignoraram; basta-me observar que, mesmo quando toda a ciência que se possa desejar estivesse contida nos livros, onde o que existe de bom encontra-se misturado com tantas coisas inúteis e semeado confusamente num montão de volumes tão grossos - seria preciso mais tempo para lê-los do que temos de vida, e mais inteligência para selecionar as coisas úteis do que a que seria necessária para reinventá-las.

O que me dá esperança de que ficareis contente de encontrar aqui um caminho mais fácil e que as verdades que direi não deixarão de ser bem recebidas, embora não as tome de empréstimo a Aristóteles ou a Platão; e que circularão pelo mundo como a moeda cujo valor não é menor porque tenha saído da bolsa de um camponês ao invés de vir da poupança. Por isso, esforcei-me por torná-las úteis a todos os homens, para o que não encontrei estilo mais cômodo do que o das conversas francas em que cada um revela familiarmente a seus amigos o que o seu pensamento tem de melhor. Com os nomes de Eudóxio, Poliandro e Epistemon suponho que um homem de mediana inteligência, mas cujo julgamento não está pervertido por nenhuma falsa crença e que possui toda a razão conforme a pureza da sua natureza, é visitado, numa casa de campo onde reside, por duas das mais raras e das mais curiosas inteligências da nossa época, um dos quais jamais estudou e o outro, ao contrário, sabe exatamente tudo o que se pode aprender nas escolas; e aí, entre outras coisas ditas, juntamente com o ambiente e todas as particularidades que neste local se encontram, das quais os farei tirar exemplos que tornem mais fáceis suas concepções, eles propõem o argumento do que devem dizer em seguida, até o fim destes dois livros.



Poliandro, Epistemon, Eudóxio

POLIANDRO - Considero-vos tão feliz por verdes todas estas belas coisas nos livros gregos e latinos que me parece que, se eu tivesse estudado tanto como vós, seria tão diferente do que sou como os anjos o são de vós; e não poderia desculpar o erro de meus pais, os quais, persuadidos de que o trato com as coisas do espírito nos faz covardes, enviaram-me, ainda jovem, à Corte e ao exército, de tal modo que, se não aprender algo nesta conversa convosco, o remorso de ser ignorante me perseguirá por todo o resto da vida.

EPISTEMON - Tudo o que se pode ensinar-vos de melhor a este respeito é que o desejo de saber, comum a todos os homens, é uma doença incurável, pois a curiosidade aumenta com a doutrina; e porque as falhas que estão na alma não nos afligem senão porque temos conhecimento delas, leveis vantagem sobre nós já que não vedes, como nós, que são muitas as coisas que vos faltam.

EUDÓXIO - Será possível, Epistemon, que, sendo sábio como sois, creiais que exista uma doença tão universal na natureza para a qual não haja médico? Quanto a mim, parece-me que, assim como existem por toda parte bastantes frutos e riachos para matar a fome e a sede de todo o mundo, existem também bastantes verdades que se podem conhecer em qualquer assunto e que satisfaçam plenamente a curiosidade das almas prudentes, e que o corpo dos hidrópicos não está mais distante do seu justo equilíbrio do que o espírito daqueles que perpetuamente são atacados de uma curiosidade insaciável.

EPISTEMON - Aprendi em outros tempos que nosso desejo não pode estender-se naturalmente até as coisas que nos parecem ser impossíveis e que não deve estender-se até aquelas que são viciosas ou inúteis; mas existem tantas coisas para se conhecer que nos parecem possíveis e que são, não somente decentes e agradáveis, mas ainda muito necessárias para que saibamos como agir, que não poderia acreditar jamais que alguém já saiba o suficiente e que, com justas razões, não queira saber ainda mais.

EUDÓXIO - Que direis, pois, de mim se vos afirmar que não desejo mais aprender coisa alguma e que estou mais contente com o pouco conhecimento que possuo do que Diógenes com seu tonel, embora não tenha necessidade da sua filosofia. Pois, a ciência dos meus vizinhos não limita com a minha, como o fazem suas terras aqui em volta do pouco que possuo, e meu espírito, dispondo a seu bel-prazer de todas as verdades que encontra, não imagina que existem outras a serem descobertas; mas ele goza da mesma espécie de repouso que gozaria o rei de algum país isolado e de tal maneira distante de todos os outros a ponto de imaginar que além das suas terras não existiria nada mais do que desertos estéreis e montanhas inabitáveis.

EPISTEMON - Não fosseis vós a me dizer semelhante coisa e eu vos consideraria bem fútil ou bem pouco curioso; mas o retiro que escolhestes neste lugar tão solitário, e o pouco interesse que tendes em ser conhecido, vos protege da vaidade; mas o tempo que empregastes em outras épocas em viajar, em freqüentar os sábios e examinar tudo o que fora inventado de mais difícil em cada ciência nos garante que curiosidade não é o que vos falta: de sorte que não poderia dizer outra coisa senão que vos considero muito satisfeito - razão pela qual me convenço que possuís uma ciência mais perfeita do que a dos outros.

EUDÓXIO - Agradeço a boa opinião que tendes de mim; mas não quero de modo algum abusar da vossa cortesia a ponto de fazer-vos crer numa simples afirmação. Não devemos jamais avançar proposições tão distantes da crença comum se, ao mesmo tempo, não podemos ver alguns resultados. É esta a razão pela qual vos convido a ambos a permanecerdes aqui durante esta bela estação para que eu tenha tempo suficiente de demonstrar abertamente uma parte do que sei. Pois ousou prometer a mim mesmo que não somente reconhecereis que tenho razão para estar contente, mas que, além disso, ficareis plenamente satisfeitos com as coisas que tiverdes aprendido.

EPISTEMON - Por mim não me oponho a aceitar um favor que muito desejava pedir-vos.

POLIANDRO - Quanto a mim, de bom grado assistirei a esta discussão, embora não me sinta capaz de tirar nenhum proveito dela.

EUDÓXIO - Antes de mais nada, Poliandro, refleti sobre o fato de que, entre nós, sois vós que estais em melhores condições, porque não estais prevenido, razão pela qual me será mais fácil pôr no bom caminho uma pessoa neutra, e esta pessoa não é Epistemon, o qual, freqüentemente, estará comprometido com a posição contrária. Mas, para que concebais mais distintamente qual a qualidade da doutrina que vos prometo, quero que observeis a diferença que existe entre as ciências e os simples conhecimentos adquiridos sem que recorramos ao uso da razão, como as línguas, a história, a geografia e, em geral, tudo o que não depende senão somente da experiência. Pois concordo plenamente que um único homem não seria capaz de adquirir, em toda a sua vida, a experiência de todas as coisas que existem no mundo, mas persuado-me, também, que seria loucura desejar semelhante coisa, pois um homem de bem não está obrigado a saber mais grego ou latim do que suíço ou baixo-bretão, nem a saber mais a história do Império do que a de qualquer pequeno Estado da Europa; mas deve empregar seu lazer somente em coisas honestas e úteis, e ocupar sua memória apenas com as mais necessárias. Quanto às ciências - que não são outra coisa senão os sólidos juízos que apoiamos sobre algum conhecimento precedente -, algumas decorrem das coisas comuns a respeito das quais todo mundo já ouviu falar; as outras, de experiências raras e do estudo. Confesso, também, que seria impossível tratar em parti-

cular de todas estas últimas, pois seria necessário, primeiramente, ter pesquisado todas as ervas e pedras que vêm das Índias, seria preciso ter visto a Fênix, não ignorar, em suma, nada do que existe de mais estranho na natureza. Mas teria cumprido plenamente a minha promessa se, explicando-vos as verdades que podem ser deduzidas das coisas mais comuns e conhecidas de todos, vos capacito a encontrar, sozinhos, todas as outras, quando vos derdes ao trabalho de procurá-las.

POLIANDRO - Creio que isto é, também, tudo o que é possível de se desejar. Ficaria contente se me provásseis certo número de proposições, que são tão célebres que ninguém as ignora, como as que dizem respeito à Divindade, à alma racional, às virtudes e sua recompensa, as quais comparo a estas antigas casas, que todo mundo reconhece como muito ilustres, embora todos os seus títulos de nobreza estejam sepultados nas ruínas da Antigüidade. Não duvido que os primeiros que obrigaram o gênero humano a crer em todas estas coisas não tivessem fortes razões para prová-las; mas elas foram, desde então, tão raramente repetidas, que não há mais ninguém que ainda as saiba; e, não obstante, estas verdades são tão importantes que a prudência nos obriga antes a crer nelas, mesmo que cegamente e com risco de sermos enganados, do que esperar que sejamos esclarecidos a seu respeito quando estivermos no outro mundo.

EPISTEMON - Quanto a mim, sendo um pouco mais curioso, gostaria, além disso, que me explicásseis algumas dificuldades particulares que tenho em cada ciência, principalmente no que diz respeito aos artifícios dos homens, aos espectros, às ilusões e, em suma, a todos os efeitos maravilhosos atribuídos à magia, pois considero útil conhecê-los, não para nos servirmos deles, mas para que nosso juízo não possa estar prevenido contra a admiração de algo que ele ignora.

EUDÓXIO - Procurarei satisfazer a ambos; e, para estabelecer uma ordem que possamos manter até o fim, gostaria, primeiramente, Poliandro, que conversássemos, eu e vós, sobre todas as coisas que existem no mundo, considerando-as em si mesmas, e que Epistemon nos interrompa o menos que puder, pois suas objeções nos obrigariam freqüentemente a que nos afastássemos de nosso assunto. Em seguida, consideraremos, os três, de novo, todas as coisas, mas em outro sentido, isto é, na medida em que elas relacionam-se conosco e podem ser chamadas de verdadeiras ou falsas, boas ou más. É aqui que Epistemon terá oportunidade de propor todas as dificuldades que ficarem suspensas das discussões anteriores.

POLIANDRO - Dizei-nos, então, em que ordem explicareis cada matéria.

EUDÓXIO - Será necessário começar pela alma racional, porque é nela que reside todo nosso conhecimento; e tendo considerado sua natureza e seus efeitos, daremos com seu autor; e após ter reconhecido qual é ele e como ele criou tudo o que existe, indicaremos o que existe de mais seguro no que diz respeito às demais criaturas, examinando de que maneira nossos sentidos recebem os objetos e como nossos pensamentos se tornam verdadeiros ou falsos. Em seguida exporei aqui as obras relativas às coisas corpóreas; e vos tendo feito admirar as mais poderosas máquinas, os mais raros autômatos, as mais evidentes visões e as mais sutis imposturas que o artifício pode inventar, revelar-vos-ei os segredos de todas estas coisas, segredos tão simples e inocentes que tereis motivo para não mais vos espantardes, de modo algum, com as obras de nossas mãos. Tratarei das obras da natureza e, tendo-vos feito ver a causa de todas as suas transformações, a diversidade das suas qualidades e como a alma das plantas e dos animais difere da nossa, vos farei considerar toda a arquitetura das coisas sensíveis; e tendo referido o que se observa nos céus e o que já se sabe com segurança, passarei às mais sãs conjecturas relativas ao que não pode ser determinado pelos homens, explicando, assim, a relação das coisas sensíveis com as intelectuais, e de ambas com o Criador, a imortalidade das criaturas e qual será o estado do seu ser após a consumação dos séculos. Virá depois a segunda parte desta conferência na qual trataremos de todas as ciências em particular, escolheremos o que há de mais sólido em cada uma e

proporemos o método para fazê-las avançar ainda mais, e encontrar sozinho, usando pouca inteligência, tudo o que as inteligências mais sutis podem inventar. Tendo, assim, preparado nosso entendimento para fazer um juízo perfeito da verdade, será igualmente necessário que aprendamos a regular nossas vontades, distinguindo as coisas boas das más, e observando a verdadeira diferença que existe entre as virtudes e os vícios. Feito isto, espero que o desejo que tendes de saber não seja mais tão violento e tudo o que eu disser vos pareça tão bem provado que considerareis que uma pessoa inteligente, mesmo que ela tenha alimentado seu espírito num deserto e não tenha tido outra luz senão a natural, não poderá ter sentimentos diferentes dos nossos, contanto que suas razões sejam as mesmas que as nossas. Para dar início a este discurso, examinemos qual é a primeira coisa que os homens conhecem, em qual parte da alma reside um tal conhecimento e qual é a razão porque ele é inicialmente tão imperfeito.

EPISTEMON - Parece-me que tudo isto se explica muito bem quando comparamos a fantasia das crianças a uma *tabula rasa* na qual devem ser postas as nossas idéias, as quais parecem retratos tirados de cada coisa segundo a sua própria natureza. Os sentidos, a vocação, os preceptores e o entendimento são os diferentes pintores que podem contribuir para esta mesma obra. Os menos capazes, entre eles, são os primeiros que misturam sentidos imperfeitos com um instinto cego e amas de leite impertinentes. O melhor, que é o entendimento, vem em último lugar. Mesmo assim, é preciso que ele passe por vários anos de aprendizagem e que siga por muito tempo o exemplo de seus mestres antes de ousar empreender a correção de qualquer uma das suas faltas. Esta é, a meu ver, uma das principais causas da grande dificuldade que temos para conhecer, pois nossos sentidos não vêem nada além das coisas mais grosseiras e comuns e nossa vocação natural é totalmente corrompida. No que se refere aos preceptores, embora possamos, sem dúvida, encontrar alguns que são perfeitos, isto não quer dizer que eles não nos forcem a admitir as suas razões até que nós mesmos as tenhamos examinado com nosso entendimento, que é o único capaz de concluir esta obra. Mas nosso entendimento se parece com um excelente pintor que tenhamos empregado para dar os últimos retoques num mau quadro esboçado por aprendizes. Pouco adiantaria que ele pusesse em prática todas as regras de sua arte para corrigir, pacientemente, ora um traço, ora outro, acrescentando os seus aos que faltavam. Mas mesmo que pudesse fazer algo muito bem feito, isto não significa que ele não deixaria grandes defeitos, já que inicialmente o desenho foi mal compreendido, as figuras mal situadas e as proporções mal observadas.

EUDÓXIO - Vossa comparação revela muito bem o primeiro impedimento com que deparamos, mas não acrescentais o que devemos fazer a fim de evitá-lo. Parece-me que, ao invés de perder tempo em corrigi-lo, vosso pintor faria muito melhor se refizesse de novo todo o quadro, apagando primeiramente todos os traços existentes. Seria preciso, também, que todo homem, imediatamente depois de ter atingido um certo termo que se chama idade da razão, tomasse, uma vez por todas, a resolução de eliminar de sua fantasia todas as idéias imperfeitas nela impressas até então, e recomeçasse seriamente a formar novas idéias, empregando, para tanto, a habilidade de seu entendimento de tal modo que, se este não as levasse à perfeição, não pudesse, pelo menos, lançar a culpa nem sobre a fraqueza dos sentidos, nem sobre os desregramentos da natureza.

EPISTEMON - Este remédio seria excelente se fosse fácil aplicá-lo. Mas não ignorais que as primeiras crenças que foram recebidas pelo nosso espírito ficam nele de tal modo impressas que a vontade por si só não basta para apagá-las, se ela não recebe a ajuda de algumas poderosas razões.

EUDÓXIO - É por isto que vou me esforçar por ensinar-vos algumas delas; e se pretendeis tirar proveito desta nossa discussão, será forçoso que presteis toda a atenção e me deixeis conversar um pouco com Poliandro, para que eu possa, antes de mais nada, destruir todo o conhecimento adquirido até o presente momento. Como este conhecimento não satisfaz a Poliandro, por esta razão só pode ser mau, sendo que eu o considero uma casa mal construída.

cujos alicerces não são seguros. Não conheço solução melhor para resolver esta situação do que derrubá-la e construir uma nova, pois não quero me confundir com estes pequenos artesãos que não fazem outra coisa senão remendar as velhas construções por se sentirem incapazes de realizarem novos empreendimentos. Mas, enquanto estivermos trabalhando, eu e Poliandro, nesta demolição, poderemos, ao mesmo tempo, lançar os alicerces que servirão aos nossos objetivos e preparar os melhores e mais sólidos materiais que são necessários para sua execução. Para tanto, peço que considereis juntamente comigo quais são, entre as verdades certas e mais fáceis de serem conhecidas, aquelas que os homens podem saber.

POLIANDRO - Existe acaso alguém que possa duvidar que é muito maior a certeza a respeito das coisas sensíveis, isto é, aquelas que podem ser vistas e tocadas, do que a respeito de todas as outras coisas? Quanto a mim, ficaria verdadeiramente surpreso se conseguísseis fazer com que eu visse com igual clareza o que se costuma dizer de Deus e de nossa alma.

EUDÓXIO - Pois é isto o que eu espero fazer. Acho estranho que os homens sejam tão crédulos a ponto de fundamentar a sua ciência com base nos sentidos, pois ninguém ignora que às vezes eles enganam e que temos razões mais do que justificadas de desconfiar sempre daqueles que um dia nos enganaram.

POLIANDRO - Sei muito bem que os sentidos nos enganam às vezes, sobretudo se eles são impropriamente usados, como é o caso dos alimentos que parecem amargos aos doentes, ou como quando olhamos as estrelas, que nos parecem muito menores do que realmente são, ou, ainda, quando eles não agem em liberdade segundo a sua própria natureza. Mas todas estas falhas podem ser facilmente corrigidas. Elas não impedem que eu tenha agora absoluta certeza de que vos estou vendo, que estamos passeando neste jardim, que o sol nos ilumina, e, em suma, que é verdadeiro tudo o que geralmente se apresenta aos meus sentidos.

EUDÓXIO - Visto que não é suficiente apenas dizer-vos que os sentidos nos enganam em certas ocasiões, ocasiões estas que não vos passam despercebidas, mas que é preciso temer que eles não o façam em outras, e estas nem sempre podem ser percebidas, quero ir mais além. Certamente conheceis esses tipos melancólicos que pensam ser cântaros ou, então, ter alguma parte do corpo enorme. Eles jurarão que o vêem e o tocam assim como imaginam que ele seja. É bem verdade que poderíamos incorrer numa ofensa a um homem de bem se lhe disséssemos que ele não goza de maior crédito do que aqueles outros pois ele se reporta, como eles, ao que os sentidos e sua imaginação lhe representam. Não leveis a mal se vos perguntar se não estais, como todos os homens, sujeito ao sono, e se não podeis, dormindo, pensar que estais me vendo, que estais passeando neste jardim, que o sol vos ilumina, em suma, todas as coisas a respeito das quais tendes agora absoluta certeza. Nunca ouvistes este grito de espanto nas comédias: *Estou acordado, ou estou dormindo?* Como podeis estar seguro de que vossa vida não é um sonho contínuo, e que tudo o que pensais estar aprendendo por meio dos sentidos não seja falso, tanto agora como quando estais dormindo? Tudo isto considerando sobretudo que aprendestes que fostes criado por um ser superior, o qual, sendo todo-poderoso como é, não teria maiores dificuldades em nos criar tal como estou dizendo, ou seja, assim como pensais que sois.

POLIANDRO - Estas são, certamente, razões mais do que suficientes para derrubar toda a doutrina de Epistemon, se ele for suficientemente contemplativo a ponto de fixar seu pensamento nesta questão; quanto a mim, caso quisesse entrar em considerações mais elevadas, temeria tornar-me um tanto ou quanto sonhador, eu que sou um homem que não estudei, e que não tem o hábito de se distanciar das coisas sensíveis.

EPISTEMON - Penso também que é muito perigoso comprometer-se em demasia com isto. Dúvidas tão gerais como estas nos levariam diretamente à ignorância de Sócrates ou à incerteza dos Pirrônicos. E não me parece que possamos tomar pé em águas tão profundas.

EUDÓXIO - Confesso que não deixaria de haver perigo, para aqueles que não conhecem o vau, de arriscar uma travessia sem um acompanhante. Por esta razão muitos se perderam no caminho. Mas não tendes porque temer se fizerdes a travessia juntamente comigo. Semelhante timidez impediu a maior parte dos letrados de adquirir uma doutrina que fosse bastante sólida e certa a ponto de merecer o nome de ciência, pois, imaginando que além das coisas sensíveis não havia nada de mais firme onde apoiar suas crenças, construíram sobre a areia, ao invés de cavar mais fundo para encontrar a rocha ou a argila. Portanto, não nos demorem mais tempo aqui, tanto mais que, mesmo que não queirais levar em consideração as razões que acabei de mencionar, o fato é que elas, no fundamental, já tiveram o efeito que eu esperava, pois é de se crer que elas mexeram com a vossa imaginação, fazendo com que as temêsseis. Pois o indício de que vossa ciência não é tão infalível é que tendes medo de que tais razões possam minar os fundamentos dela, fazendo com que duvideis de todas as coisas, e, em consequência disso, que duvideis já, com o que fica realizado o meu propósito que consistia em derrubar toda a vossa doutrina, fazendo-vos ver como ela é pouco sólida. Mas, para que não recuseis a ir corajosamente mais além, advirto-vos que essas dúvidas, que vos causaram inicialmente medo, são como aqueles fantasmas e imagens quiméricas que aparecem à noite à uma luz débil e difusa. Se fugis deles, vosso medo vos perseguirá. Mas se vos aproximais como para tocá-los, descobrireis que eles não são nada senão ar e sombra, com o que ficareis no futuro mais seguros ao encontrardes tais coisas.

POLIANDRO - Persuadido que estou, quero não só considerar estas dificuldades o mais seriamente possível, como empregar toda a minha atenção para saber se não pode ter acontecido de ter eu sonhado toda a minha vida, e se todas as idéias que eu pensava não poderem ter entrado em meu espírito senão pela porta dos sentidos não tenham se formado por si mesmas, assim como acontece quando durmo e quando sei muito bem que meus olhos estão fechados, meus ouvidos tampados, sabendo que meus sentidos não estão participando de nada disto. Por conseguinte, não ficarei sabendo com segurança se existis, se existe a terra, se existe o sol; e ainda mais, se tenho olhos, ouvidos, um corpo, se estou na verdade falando convosco, se falais comigo, ou, em suma, se existem todas as outras coisas.

EUDÓXIO - Considero-vos, agora, muito bem preparado e era isto precisamente o que eu queria ter conseguido. É chegado o momento em que precisareis prestar toda a atenção às consequências que pretendo tirar dessas premissas. Vereis, na verdade, que podeis duvidar, com razão, de todas as coisas cujo conhecimento é adquirido por meio dos sentidos. Mas podeis duvidar de vossa dúvida, e permanecer sem saber se duvidais ou não?

POLIANDRO - Confesso que estou espantado. A pouca perspicácia que devo ao meu fraco bom senso faz com que, não sem espanto, me veja forçado a reconhecer que eu não faço nada senão com certa incerteza, que eu duvido de tudo e que não tenho certeza a respeito de nada. Mas, que concluireis de tudo isto? Não vejo para que serve este espanto universal, nem vejo como semelhante dúvida pode ser um princípio capaz de nos conduzir tão longe. Ao contrário disto, conferistes a esta nossa conversa o objetivo de nos livrar de nossas dúvidas e de nos permitir conhecer aquelas verdades que Epistemon poderia ignorar mesmo sendo o sábio que é.

EUDÓXIO - Não peço senão que me presteis vossa atenção para que eu possa vos conduzir mais longe do que podeis imaginar, visto que, desta dúvida universal, como de um ponto fixo e imóvel, pretendo derivar o conhecimento de Deus, de vós mesmo, e, enfim, de todas as coisas que existem na natureza.

POLIANDRO - Estas são, sem dúvida, grandes promessas, e, em nome delas poderemos, contanto que elas se cumpram, conceder-vos o que pedes. Sede, portanto, fiel a vossas promessas e nós cumprimos as nossas.

EUDÓXIO - Já que não podeis, portanto, negar que duvidais, mas, ao contrário, é certo que duvidais, e isto é mesmo tão certo que disto não podeis duvidar, também é verdade que

vós que duvidais existis, e isto é tão verdadeiro que não podeis mais duvidar de semelhante coisa.

POLIANDRO - É isto o que eu penso, pois, se eu não existisse, não poderia duvidar.

EUDÓXIO - Existis, portanto, e sabeis que existis, e o sabeis porque duvidais.

POLIANDRO - Tudo isto é verdade.

EUDÓXIO - Mas, para que não sejais desviado de vosso objetivo, avancemos passo a passo, com o que, como já vos disse, vereis que esta estrada vai mais longe do que imaginais. Repitamos o argumento: existis, e sabeis que existis, e o sabeis porque sabeis que duvidais. Mas, vós que duvidais de tudo e não podeis duvidar de vós mesmo, o que sois vós?

POLIANDRO - A resposta não é difícil, e agora percebo porque escolhestes a mim como interlocutor e não a Epistemon. Creio que a razão está em que não quisestes colocar nenhuma questão que não pudesse ser respondida facilmente. Diria, portanto, que sou um homem.

EUDÓXIO - Não prestais atenção ao que vos pergunto, e a resposta que me dais, por mais simples que vos pareça, vos levaria a questões muito difíceis e complicadas, bastando, para tanto, que eu quisesse insistir convosco a este respeito. Com efeito, se eu perguntasse, por exemplo, ao próprio Epistemon o que é um homem, e ele me respondesse, como se costuma fazer nas escolas,¹ que o homem é um animal racional, e se, além disso, para explicar estes dois termos, que não são menos obscuros do que o primeiro, ele nos conduzisse por todos os graus chamados metafísicos, com toda certeza seríamos conduzidos a um labirinto do qual jamais poderíamos sair, pois esta questão se desdobraria em duas outras. A primeira: o que é um animal? A segunda: o que é racional? Além disso, se para explicar o que é um animal ele nos respondesse que é um ser vivo e sensitivo, que um ser vivo é um corpo animado, e que um corpo é uma substância corpórea, veríeis, logo, que estas questões aumentariam e se multiplicariam como os ramos de uma árvore genealógica, tornando evidente que todas estas belas questões não dariam senão numa pura batologia que não esclareceria nada e nos deixaria em nossa ignorância inicial.

EPISTEMON - É com grande preocupação que vejo a maneira como desprezais a famosa árvore de Porfírio, que sempre causou a admiração de todos os sábios, como estou também irritado ao ver que procurais ensinar a Poliandro o que ele é por meio de outro método que não aquele que desde há muito tempo é aceito em todas as escolas. Com efeito, até hoje não foi encontrado método melhor para nos ensinar o que somos do que dispor diante de nós todos os graus que constituem o conjunto de nosso ser, a fim de que, passando por todos esses graus, possamos aprender o que temos de comum com os outros seres e aquilo em que diferimos deles. E este é o mais alto ponto a que pode atingir a inteligência humana.

EUDÓXIO - Jamais me meti, nem me meteria a criticar o método de ensino empregado nas escolas, pois é a ele que devo o pouco que sei, e é com a sua ajuda que eu consegui reconhecer a incerteza de tudo o que nelas aprendi. Por isso, embora meus preceptores não me tenham ensinado nada que eu considere certo, apesar disso sou-lhes grato por ter aprendido com eles a reconhecer tal fato, e sou-lhes seguramente ainda mais grato hoje quando vejo que todas as coisas que eles me ensinaram eram tanto mais duvidosas quanto mais de acordo com a razão estivessem. Assim sendo, talvez tivesse sido levado a me contentar com o pouco de razão que tivesse descoberto, e tivesse sido negligente na procura cuidadosa da verdade, procurando menos arreatadamente e com mais cuidado a verdade. Assim, o conselho que dei a Poliandro serve menos para que ele perceba a incerteza e a falta de clareza que

¹ A "escola" significa, aqui, o lugar onde se ensinava um conhecimento inútil, pedante e sofístico. A escola representava o mundo que Descartes combatia.

sua resposta provoca em vós do que fazer com que, no futuro, ele próprio venha a se tornar mais atento a minhas questões. Mas voltemos a meu projeto. E para que dele não nos afastemos mais, pergunto de novo a Poliandro o que ele é, ele que pode duvidar de tudo e que não pode duvidar de si mesmo.

POLIANDRO - Acreditava já vos ter satisfeito a este respeito ao dizer-vos que eu era um homem, mas reconheço agora que a minha resposta não foi bem calculada, pois noto que ela não vos contenta. Falando, agora, francamente, eu mesmo já não me satisfaço mais com ela, sobretudo quando considero que me mostrastes os apuros e as incertezas em que ela poderia nos lançar se quiséssemos esclarecê-la e compreendê-la. Com efeito, diga Epistemon o que disser a este respeito, para mim estes graus metafísicos são muito pouco claros. Se dissermos, por exemplo, que um corpo é uma substância corpórea e não definirmos, ao mesmo tempo, o que é uma substância corpórea, essas duas palavras, *substância corpórea*, não nos farão saber nada mais do que a palavra *corpo* simplesmente. O mesmo acontece se alguém pretender que um ser vivo é um corpo animado, sem nos ter explicado antes o sentido das palavras *corpo* e *animado*. Se este alguém fizer o mesmo no que tange a todos os outros graus metafísicos, por certo ele não estará pronunciando senão palavras e mais palavras colocadas numa certa ordem, mas, mesmo assim, ele não diz coisa alguma, pois isto não significa nada que possa ser concebido e que possa formar em nosso espírito uma idéia clara e distinta. E mais ainda, quando, para satisfazer a esta questão, respondi que eu era um homem, não pensava em todos estes seres escolásticos que, na verdade, eu não conhecia e a respeito dos quais não ouvira nada antes, e que, é o que eu penso, só existem na imaginação daqueles que os inventaram. Mas eu queria falar das coisas que vemos, que tocamos, que sentimos e experimentamos em nós mesmos, coisas, em suma, que o mais simples dos homens sabe tão bem quanto o mais sábio dos filósofos. Gostaria de dizer, enfim, que eu sou um certo todo composto de dois braços, de duas pernas, de uma cabeça e de todas as outras partes que constituem o que se chama corpo humano, cujo todo, além disso, come, anda, sente e pensa.

EUDÓXIO - Vossa resposta me permite concluir que não compreendestes bem a minha questão e que respondeis a coisas que não vos perguntei. Mas, como já havíeis colocado entre as coisas de que duvidais os braços, as pernas, a cabeça e todas as outras partes que compõem a máquina do corpo humano, não quis de modo algum interrogar-vos sobre todas as coisas cuja existência não vos parece certa. Dizei-me, pois, o que propriamente sois, já que duvidais. Sendo esta a única coisa que me propus perguntar-vos, pois, fora ela, não creio que podeis conhecer nenhuma outra coisa com certeza.

POLIANDRO - Reconheço, com toda certeza, agora, que me enganei em minha resposta e que fui muito mais longe do que era necessário, pois que não tinha compreendido bem vosso modo de pensar. Isto me tornará, também, mais cuidadoso futuramente e me fará, ao mesmo tempo, admirar a exatidão de vosso método, por meio do qual nos conduzireis, passo a passo, por caminhos simples e fáceis, ao conhecimento das coisas que quereis ensinar-nos. Não obstante isso, com razão podemos chamar de feliz o erro que cometi, porquanto é ele que me permite saber agora que o que sou, na medida em que duvido, não é de modo algum o que chamo de meu corpo. Mais do que isso, não sei nem mesmo se tenho um corpo, já que me mostrastes que posso duvidar da sua existência. Acrescento, ainda, que não posso nem mesmo negar em termos absolutos que eu tenha um corpo. Contudo, mesmo que deixemos intactas todas estas suposições, isto não quer dizer que eu não esteja certo de que existo. Ao contrário, elas me dão uma maior garantia de que é certo que eu existo e que não sou um corpo. Se assim não fosse, se eu duvidasse de meu corpo, duvidaria também de mim mesmo, coisa que me é impossível, pois estou plenamente convencido que existo, e de tal maneira convencido que de modo algum posso duvidar de tal coisa.

EUDÓXIO - É maravilhoso o que dizeis. Tratais tão bem a questão que nos ocupa que eu mesmo não poderia dizer algo melhor. Penso que não temos outra coisa a fazer senão

deixar-vos caminhar inteiramente sozinho, depois de vos ter conduzido pelas mãos até aqui. Além do mais, para descobrir as verdades, mesmo as mais difíceis, penso que é suficiente o que chamamos vulgarmente de senso comum, desde que, no entanto, sejamos bem conduzidos, e como considero que estais provido suficientemente, contentar-me-ei, daqui por diante, em mostrar-vos a estrada que deveis seguir. Prossegui, portanto, a fazer sozinho a dedução das conseqüências deste primeiro princípio.

POLIANDRO - Este princípio me parece tão fecundo, e são tantas as coisas que se me apresentam ao mesmo tempo que eu teria, assim o creio, muita dificuldade em pô-las todas em ordem. Bastou o conselho que me haveis dado de examinar o que sou, eu que duvido, e de não confundir o que eu era com o que antigamente eu acreditava ser, para que jorrasse luz em meu espírito, e, assim, expulsas que foram as trevas, ao clarão desta tocha vejo melhor em mim o que não é visível, sendo que estou muito mais persuadido de possuir o que não é tangível do que mesmo de possuir um corpo.

EUDÓXIO - Este entusiasmo muito me agrada, embora desagrade talvez a Epistemon, o qual, enquanto vós não o tirardes do erro em que ele se encontra, e enquanto não lhe puserdes diante dos olhos uma parte das coisas que afirmais estarem contidas neste princípio, terá sempre um pretexto para crer, ou, pelo menos, para temer, que esta luz que vos é oferecida não seja semelhante a estes fogos-fátuos que se extinguem e desaparecem tão logo alguém deles se aproxima, permitindo, assim, que mergulheis naquelas trevas em que vos encontráveis, isto é, em vossa ignorância de antigamente. Em verdade, estaríamos diante de um fato prodigioso, pois vós, que não fizestes estudos e que não lestes as obras dos filósofos, vos tornastes sábio tão rapidamente e com tão pouco esforço. Não é de espantar, portanto, que Epistemon tenha de vós este julgamento.

EPISTEMON - Confesso que tomei tudo isto por um movimento de entusiasmo e pensei que Poliandro, que nunca se aplicara ao conhecimento das grandes verdades ensinadas pela filosofia, tivesse sido tomado por tal alegria ao examinar a mais insignificante dentre elas que não pode se conter, entregando-se a estas demonstrações de arrebatamento. Mas, aquelas pessoas que, como vós, percorreram por tanto tempo esta estrada, e que gastaram tanto óleo e esforço para ler e reler os escritos antigos, a destrinçar e explicar o que há de mais espinhoso nos filósofos, não se espantam mais com esses arrebatamentos e só levam em consideração a vã esperança pela qual se apaixonam alguns daqueles que não fizeram outra coisa até agora senão proclamar o advento do reino das matemáticas. Estes, com efeito, tão logo lhes dais uma reta e uma curva e aprendam o que é uma linha reta e uma linha curva, se persuadem de que vão encontrar a quadratura do círculo e a duplicação do cubo. Mas nós refutamos tantas vezes a doutrina dos pirrônicos, e eles próprios colheram tão poucos frutos do seu método de filosofar, que erraram a vida toda e não puderam se livrar das dúvidas que introduziram na filosofia, a tal ponto que não parecem ter cuidado de outra coisa senão de aprender a duvidar. Por isso, apesar do que pensa Poliandro, duvido que ele próprio possa tirar disto tudo algo melhor.

EUDÓXIO - Percebo perfeitamente que, ao dirigir a palavra a Poliandro, quereis, na verdade, poupar-me. Não obstante isto, está mais do que claro que sou eu o alvo da vossa zombaria. Contudo, que Poliandro continue a falar e veremos quem de nós rirá por último.

POLIANDRO - É o que farei de muito bom gosto, tanto mais que é de se temer que este debate entre vós fique demasiadamente acalorado, e que, se a coisa fica muito elevada, eu é que não vou compreender nada, o que me privará do fruto que pretendo colher ao retornar aos meus primeiros estudos. Peço, portanto, a Epistemon que me deixe alimentar a esperança de me fazer guiar pelas mãos de Eudóxio pela estrada que ele próprio me assinalou.

EUDÓXIO - Reconhecestes já muito bem, ao vos considerar a vós mesmo simplesmente na medida em que duvidais, que não éreis um corpo, e, portanto, que não encontráveis em vós nenhuma das partes que constituem a máquina do corpo humano, isto é, nem braços, nem cabe-

ça, nem olhos, nem ouvidos, nem qualquer órgão que possa servir a qualquer dos sentidos. Considerai, porém, se não poderíeis, do mesmo modo, rejeitar todas as outras coisas que reunistes, há pouco, naquela definição de homem que concebíeis antigamente, pois, como dissestes, com toda razão, é um erro feliz o que cometestes ao ultrapassardes, em vossa resposta, os limites colocados pela minha questão. Podereis, com efeito, com a ajuda dela, chegar a saber o que sois, afastando de vós e rejeitando tudo o que vedes claramente que não vos pertence, como também só admitindo o que vos pertença tão necessariamente como a certeza de que existis e duvidais.

POLIANDRO - Agradeço-vos por me terdes recolocado novamente no caminho certo, pois já não sabia mais onde me encontrava. Disse, há pouco, que eu era um todo formado de dois braços, de duas pernas, de uma cabeça, enfim de todas as outras partes que compõem o que chamamos de corpo humano. Além disso, um todo que andava, se alimentava, sentia e pensava. Foi necessário, também, para que eu me considerasse simplesmente como eu sei que sou, rejeitar todas essas partes ou todos esses membros que constituem a máquina do corpo humano, isto é, considerar-me sem braços, sem pernas, sem cabeça, em suma, sem corpo. Ora, é verdade que o que duvida em mim não é o que nós chamamos de nosso corpo. É, portanto, verdade, também, que eu, enquanto duvido, não me alimento, não ando, pois, nenhum destes dois atos podem ser feitos sem o corpo. Ainda mais, não posso nem mesmo afirmar que eu, enquanto duvido, possa sentir. Pois, do mesmo modo que os pés são necessários para andar, os olhos para ver e os ouvidos para ouvir, e como eu não tenho nenhum desses órgãos, já que não tenho corpo, não posso dizer que sinto. Além do mais, acreditei sentir antigamente em sonho muitas das coisas que realmente eu não sentia; e como eu resolvi não admitir aqui nada que não seja de tal modo verdadeiro e do qual não possa duvidar, não posso dizer que sou uma coisa que sente, isto é, uma coisa que vê com os olhos e ouve com os ouvidos, pois poderia acontecer que eu acreditasse sentir de tal ou qual maneira, embora nenhum desses atos existisse de fato.

EUDÓXIO - Não posso deixar de vos deter neste ponto, não que eu pretenda vos desviar de vosso caminho, mas para vos encorajar a examinar aquilo de que é capaz o bom senso bem dirigido. Com efeito, em tudo o que acabastes de dizer, acaso poderia haver algo que não seja exato e que não tenha sido legitimamente concluído e rigorosamente deduzido? E não obstante isso, todas estas conseqüências foram tiradas sem lógica, sem recorrer a qualquer fórmula, com a ajuda tão somente das luzes da razão e bom senso, que está menos sujeito a se enganar quando age sozinho e por si mesmo do que quando procura, cheio de inquietação, observar mil tipos de regras que a arte e a preguiça dos homens inventaram, antes para corrompê-lo do que para aperfeiçoá-lo. O próprio Epistemon tem, neste caso, a mesma opinião que nós, pois o seu silêncio dá a entender que ele aprova o que dissestes. Prossegui, portanto, Poliandro, e mostrai a ele até onde pode ir o bom senso e, ao mesmo tempo, as conseqüências que podem ser deduzidas de nossos princípios.

POLIANDRO - De todos os atributos que eu próprio me conferi, apenas um, o pensamento, resta ainda ser examinado, e penso que só ele é que tem uma natureza tal que não permite que eu o separe de mim. Pois, se é verdade que eu duvido, coisa de que não posso duvidar, é igualmente verdadeiro que eu penso. O que significa, com efeito, duvidar, senão pensar de uma determinada maneira? Na verdade, se eu não pensasse, não poderia saber se duvido, ou se existo. Existo, contudo, e sei que existo, e o sei porque duvido, e tudo isto porque penso. Poderia, mesmo, acontecer que se, por um momento, eu cessasse de pensar, cessaria, ao mesmo tempo, de existir. Portanto, a única coisa que não posso separar de mim, que sei com certeza ser eu, e que posso agora afirmar sem temer me enganar, é que sou um ser pensante.

EUDÓXIO - O que é que vos parece, Epistemon, o que acabou de dizer Poliandro? Vedes, em todo o seu raciocínio, algo que claudique ou que não seja conseqüente? Não é inacreditável que um homem iletrado e sem estudos raciocine de modo tão justo e seja em tudo tão conseqüente consigo mesmo? Por aí podeis, se não me engano, começar a ver que alguém que saiba usar convenientemente a sua dúvida, pode deduzir dela conhecimentos

exatos, e, na verdade, mais exatos e mais úteis que todos aqueles que apoiamos geralmente sobre aquele grande princípio, que usamos como fundamento de todos os conhecimentos e como centro ao qual se reduzem e ao qual todos vão dar, qual seja: é impossível que num mesmo instante uma única e mesma coisa seja e não seja. Não faltará, talvez, a oportunidade de vos demonstrar a sua utilidade. Mas, para não interromper o fio do discurso de Poliandro, não nos afastemos de nosso assunto. Vejamos se tendes algo a dizer ou a objetar.

EPISTEMON - Já que me atacais e me ofendeis, vou mostrar-vos o que pode a lógica irritada, e, ao mesmo tempo, antepor-vos tais embaraços e tais obstáculos que não somente Poliandro, mas vós também, dificilmente vos livrareis deles. Não é preciso ir muito longe. Fiquemos por aqui mesmo e examinemos com toda severidade os princípios que vos servem de fundamento e as conseqüências que deles tirais. Demonstrar-vos-ei, com o auxílio da verdadeira lógica e de vossos próprios princípios, que tudo o que disse Poliandro não repousa sobre um fundamento legítimo e não conclui nada. Dizeis que existis, que sabeis que existis, e que o sabeis porque duvidais e porque pensais. Mas, acaso sabeis o que é duvidar, o que é pensar? E já que não quereis admitir nada senão aquilo a respeito do que estais certo e conheceis perfeitamente, como podeis estar certo que existis com base apenas em fundamentos tão obscuros e, conseqüentemente, tão pouco certos? Seria preciso que, antes de tudo, ensinásseis a Poliandro o que é a dúvida, o pensamento, a existência, a fim de que seu raciocínio pudesse ter a força de uma demonstração, e que ele próprio pudesse compreender-se a si mesmo antes de querer se fazer compreendido pelos outros.

POLIANDRO - Tudo isto vai muito além do meu alcance. Confesso-me, portanto, vencido e vos deixo a tarefa de desfazer este nó.

EUDÓXIO - Por esta vez eu me encarrego, de bom grado, da tarefa, mas, com a condição de que sereis juiz de nosso debate, pois não ousa prometer que Epistemon se renda às minhas razões. Os que, como ele, se nutrem de opiniões e preconceitos, muito dificilmente confiam apenas na luz da natureza. Há muito que se acostumaram antes a ceder à autoridade do que ouvir a voz de sua própria razão. Preferem antes consultar os outros, ponderar sobre o que escreveram os antigos, do que consultar a si mesmos sobre o julgamento que devem fazer. E assim como, desde a infância, tomaram como sendo a sua razão o que se fundamentava na autoridade de seus preceptores, agora apresentam a sua autoridade como sendo a razão, pretendendo que lhes paguem o mesmo tributo que outrora pagaram a outros. Mas, tenho motivos para estar contente, e poderia responder satisfatoriamente às objeções que Epistemon vos propôs, desde que concordeis com o que eu teria dito e se vossa razão disto vos convencer.

EPISTEMON - Não sou nem tão teimoso e nem é tão difícil que me persuadam como pensais, e de bom grado consinto que me dêem satisfação. E mais ainda, embora eu tenha razões para desconfiar de Poliandro, tudo o que eu peço é que ponhamos nosso pleito nas suas mãos. Prometo-vos, mesmo, confessar-me vencido tão logo ele deponha as armas. Mas que ele tome cuidado para não se deixar enganar e cair no erro que ele critica nos outros, isto é, considerar como sendo uma razão convincente a estima que ele tem por vós.

EUDÓXIO - Se ele se baseasse num fundamento tão pouco sólido, por certo que estaria cuidando mal dos seus interesses, e eu respondo antecipadamente que isto ele não fará. Mas basta de digressões e voltemos ao nosso assunto. Concordo convosco, Epistemon, que é preciso saber o que é a dúvida, o pensamento, a existência, antes de se convencer inteiramente da verdade do seguinte raciocínio: *Duvido, logo existo*, ou, o que é a mesma coisa: *Penso, logo existo*. Mas não imagineis que, para adquirir essas noções prévias seja necessário violentar e torturar nosso espírito para encontrar o gênero mais próximo e a diferença essencial, e, com esses elementos, compor uma verdadeira definição. Deixemos esta tarefa a quem quiser dar uma de professor ou que queira sustentar controvérsias nas escolas. Mas, quem quiser examinar as coisas por si mesmo e julgá-las segundo o seu próprio entendimento, não pode ter um espírito tão limitado que não veja suficientemente, todas as vezes que a isso dedicar a

sua atenção, o que é a dúvida, o pensamento, a existência, e porque é necessário que aprenda as distinções. Além disso, existem muitas coisas que tornamos mais obscuras tentando defini-las, isto porque, como elas são muito simples e muito claras, não há outra melhor maneira de conhecê-las e compreendê-las do que por elas mesmas. Outrossim, dentre os maiores erros que se pode cometer nas ciências está o erro daqueles que querem definir o que basta ser concebido, e que não podem nem distinguir as coisas claras das coisas obscuras, nem discernir aquilo que, para ser conhecido, exige e merece ser definido, daquilo que pode ser muito bem concebido por si mesmo. Ora, dentre aquelas coisas que são tão claras que podem ser conhecidas por si mesmas podemos destacar a dúvida, o pensamento e a existência.

Não creio que possa ter havido nunca alguém tão estúpido que tenha necessidade de aprender o que é a existência antes de poder concluir e afirmar que ele existe. O mesmo acontece com a dúvida e com o pensamento. Acrescento, mesmo, que é impossível aprender tais coisas que não seja por si mesmo, e ser persuadido que elas existem de outro modo que não seja pela sua própria existência e por esta consciência ou este testemunho interior que cada homem encontra em si mesmo quando examina uma qualquer observação, de tal modo que, como seria inútil definir o que é o branco para que um cego pudesse entendê-lo, enquanto que para conhecê-lo a nós nos basta abrir os olhos e ver o branco, assim, para sabermos o que é a dúvida e o pensamento, basta-nos duvidar e pensar. Isto nos ensina tudo o que podemos saber a este respeito, e, na verdade, nos diz mais do que as definições as mais exatas. É, portanto, verdade que Poliandro deveria ter conhecido estas coisas antes de poder deduzir-lhes as conclusões que formulou. De resto, como nós o escolhemos como juiz, perguntemos a ele se ele ignorava o que é a dúvida, a existência e o pensamento.

POLIANDRO - Confesso que foi com o maior prazer que vos ouvi discutir sobre uma coisa que não pudestes ter aprendido senão de mim, e não é senão com muita alegria que vejo como é preciso, pelo menos agora, que eu seja reconhecido como vosso mestre e que vós vos reconheceis como meus discípulos. Por esta razão, para vos tirar do apuro em que vos encontrais e resolver imediatamente a vossa dificuldade (diz-se que uma coisa é feita imediatamente quando ela ocorre contra toda e qualquer expectativa), posso certificar-vos que jamais duvidei daquilo que a dúvida é, embora eu só tenha começado a conhecê-la, ou, antes, a refletir a seu respeito, quando Epistemon pretendeu colocá-la em dúvida. Bastou que eu visse quão pouca certeza temos da existência das coisas que só conhecemos com a ajuda dos sentidos, para que eu comesse a duvidar dessas coisas. Bastou-me, também, isto para que eu viesse a conhecer ao mesmo tempo, tanto minha dúvida, quanto a certeza desta dúvida. Posso, portanto, afirmar que comecei a conhecer tão logo comecei a duvidar. Mas, tanto esta minha dúvida quanto a minha certeza não se referiam aos mesmos objetos, pois a minha dúvida se aplicava apenas às coisas que existem fora de mim, e minha certeza se aplicava à minha dúvida e a mim mesmo. Eudócio tinha, portanto, razão quando dizia que existem coisas que só podemos aprender vendo. Assim, também, para aprender o que é a dúvida e o que é o pensamento, basta duvidar e pensar consigo mesmo. O mesmo acontece com relação à existência. Basta-nos saber o que se entende por esta palavra e logo se conhece a coisa, tanto quanto é possível ao homem conhecê-la, não se tendo, para tanto, necessidade de definições. Estas muito mais obscureceriam a coisa do que a esclareceriam.

EPISTEMON - Já que Poliandro está satisfeito, rendo-me também e não prolongarei muito mais esta disputa. Contudo, não creio que ele tenha avançado muito nestas duas horas que estamos aqui a pensar. Tudo o que ele aprendeu com a ajuda deste belo método, por vós tão exaltado, é que ele duvida, pensa e é uma coisa pensante. Descoberta, na verdade, admirável! Mas não vejo senão muitas palavras para muito pouca coisa. Bastaria que disséssemos tudo em quatro palavras para que todos estivéssemos plenamente de acordo. Quanto a mim, se, para aprender uma coisa de um interesse tão diminuto, tivesse que gastar tantas palavras e tanto tempo, dificilmente aceitaria esta situação. Nossos mestres nos dizem muito mais e são muito mais ousados. Nada os detém, de tudo se encarregam e se pronunciam sobre

todas as coisas. Nada os afasta de seu objetivo nem lhes causa grande estranheza. Aconteça o que acontecer, quando se vêem em apuros, um equívoco ou o *distinguo* os livra de todo e qualquer embaraço. Estejais certo que o método deles será sempre preferido ao vosso, o qual duvida de tudo e teme de tal modo tropeçar que não consegue avançar.

EUDÓXIO - Jamais tive a intenção de prescrever a quem quer que seja o método a ser seguido na procura da verdade. Quis apenas expor aquele de que eu próprio me servi, a fim de que, sendo julgado um mau método, que seja rejeitado, mas, se, ao contrário, for considerado bom e útil, que outros dele se sirvam também. De resto, deixo cada um inteiramente à vontade para aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se, agora, vem alguém e me diz que eu pouco avancei com ele, que a experiência o diga, e estou certo, contanto que continueis a prestar-me atenção, que confessareis que não podemos ser suficientemente circunspectos no estabelecimento dos princípios, e que, uma vez estabelecidos solidamente os princípios, poderemos tirar consequências mais amplas ou deduzi-las mais facilmente do que ousamos fazê-lo até agora. Penso, por isso, que todos os erros que se dão nas ciências advêm do fato de que, nem bem começamos, e já emitimos apressadamente um qualquer juízo, admitindo por princípios coisas obscuras, a respeito das quais não tínhamos qualquer noção clara e distinta. O que prova a verdade desta asserção são os pequenos progressos que fizemos nas ciências cujos princípios são certos e conhecidos por todo mundo, enquanto que, por outro lado, naquelas cujos princípios são obscuros e incertos, aqueles que querem ser sinceros são forçados a confessar que, depois de ter gasto muito tempo e lido muitos volumes, reconheceram que nada sabiam e que não tinham aprendido nada. Não vos assusteis, portanto, meu caro Epistemon, se, querendo conduzir Poliandro por uma estrada mais segura do que aquela que me ensinaram, eu seja severo a ponto de não admitir como verdadeiro senão aquilo a respeito do qual tenha uma certeza igual àquela que afirma que existo, que penso e que sou uma coisa pensante.

EPISTEMON - Vós vos pareceis àqueles saltadores que caem sempre sobre os pés. Vós voltais sempre ao vosso princípio. Se continuais assim não ireis nem longe, nem rápido. Como é que encontraremos sempre verdades a respeito das quais possamos estar tão certos quanto estamos de nossa existência?

EUDÓXIO - Isto não é tão difícil quanto acreditais, pois todas as verdades seguem umas às outras e estão unidas entre si por um mesmo laço. Todo o segredo consiste em começar pelas primeiras e pelas mais simples, elevando-se em seguida pouco a pouco e gradativamente até as verdades mais distantes e mais complicadas. Ora, quem duvidará que o que estabeleci como princípio não seja a primeira de todas as coisas que podemos conhecer com algum método? É indubitável, com efeito, que não podemos duvidar dela, mesmo quando duvidássemos da verdade de tudo o que encerra o universo. Já que estamos certos de ter começado bem, é preciso, para não nos perdermos depois, tomar cuidado - e é o que fazemos - para não admitir como verdadeiro o que está sujeito à menor dúvida. Sendo assim, segundo penso, deixemos que apenas Poliandro fale, pois, como ele não segue nenhum outro mestre senão o senso comum, e como sua razão não foi alterada por nenhum preconceito, é quase impossível que ele se engane, ou, se tal acontecer, disso ele se dará conta facilmente e retornará sem dificuldade ao caminho certo.

EPISTEMON - Ouçamo-lo, portanto, e deixemo-lo expor as coisas que ele diz estarem contidas em vosso princípio.

POLIANDRO - Existem tantas coisas contidas na idéia apresentada por um ser pensante que precisaríamos de vários dias para poder desenvolvê-las a todas. No momento, porém, trataremos apenas das principais e daquelas que servem para tornar mais clara a noção deste ser, e que a distinguem de tudo o que não tem relação com ela. Por ser pensante eu entendo...

O texto termina aqui.